

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| ***Estudante:*** | | | | |
| ***Turma: 8º ano*** | ***Turno:*** | ***Data de Aplicação:*** | | ***1º Bimestre*** |
| ***Prof(a). Samara Lima*** | | |  | |
|  | | | | |
| ***Lista 5 de Atividades de Língua Portuguesa*** | | | | |
| **Conteúdos**: interpretação textual; complemento nominal, tipos de sujeito, oração, adjunto adnominal etc. | | | | |

**UM APÓLOGO**

**Machado de Assis**

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

- Deixe-me, senhora.

- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

- Mas você é orgulhosa.

- Decerto que sou.

- Mas por quê?

- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

- Você? Está agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

- Também os batedores vão adiante do imperador.

- Você é imperador?

- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana - para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

- Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

- Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

- Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai aproveitar a vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

**Fonte: Contos Consagrados - Machado de Assis - Coleção Prestígio - Ediouro - s/d**

**ATIVIDADES**

**1. Que tipo de narrador o texto apresenta? (apenas narrador ou narrador personagem?)**

**2. Qual o tema discutido no texto?**

**3. O que é um apólogo? Consulte no dicionário.**

**4. ONOMATOPEIA é uma figura de linguagem que reproduz fonemas ou palavras que imitam os sons naturais, quer sejam de objetos, de pessoas ou de animais. Retire do texto um exemplo de onomatopeia.**

**5. Retire do texto um exemplo de frase nominal e um exemplo de frase verbal.**

**6. Há quantas orações no período a seguir? “Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.”**

**7. Que tipo de sujeito há nas orações a seguir?**

1. “Contei esta história a um professor de melancolia”.
2. “Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser.”

**8. Grife o predicado da oração a seguir: “Também os batedores vão adiante do imperador.”**

**9. De acordo com o texto, o que significa “Dar feição aos babados”?**

**10. Em “Dar feição aos babados”, o termo destacado é complemento nominal ou adjunto adnominal?**

**11. Classifique os sujeitos presentes em cada oração desse trecho “Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...”**

**12. De acordo com a linguagem conotativa, a expressão “agulha não tem cabeça” pode ser entendida como alguém que não tem juízo? Explique.**

**13. Comente como são os personagens desse texto. Você conhece pessoas assim na vida real?**

**14. O que você acha que significa “servir de agulha para muita linha ordinária”?**

**15. Qual personagem julga o trabalho importante pois é nele que está o sentido de sua vida?**

**16. No trecho “para dar a isto uma cor poética”, os termos em destaque são adjuntos adnominais ou complementos nominais. A qual classe de palavras esses termos pertencem (substantivo, adjetivo, artigo, advérbio etc)?**